

DOCUMENTOS PARA O ENSINO

A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO

Cada um de nós tem uma ideia diferente sobre a organização do espaço num determinado território; a essa ideia corresponde uma imagem, um *mapa mental*. Este é construído, ao longo do tempo, a partir de informações do tipo mais variado, onde por certo sobressaem as experiências vividas nos locais, com maior ou menor intensidade. Essa imagem ou mapa mental de um território pode bem comparar-se a um mapa topográfico, pois também aí existem elevações, depressões ou áreas planas, correspondendo os primeiros acidentes às áreas mais atractivas, na percepção de um indivíduo ou de um grupo, e as depressões às áreas mais repulsivas, manifestando-se depois uma graduação nas áreas intermédias.

A percepção do espaço geográfico e a sua representação cartográfica têm sido objecto de vários estudos de geógrafos e investigadores de outros ramos, destacando-se no primeiro caso o nome de PETER GOULD e o de KEVIN LYNCH no segundo. Enquanto GOULD, a partir da chamada percepção avaliativa, correspondente ao grau de repulsão ou atracção por um determinado local, constrói mapas mentais geralmente cobrindo largas áreas (países, continentes), LYNCH iniciou, apenas para a escala urbana, a construção das imagens correspondentes a uma percepção designativa (que pretende designar atributos concretos do espaço — localização, clima, relevo, etc.). No primeiro caso obtemos uma representação cartográfica como a que se apresenta na fig. 1, enquanto no segundo se utiliza certo tipo de simbologia, como na fig. 2.

No caso dos mapas mentais de P. GOULD, recorre-se a um inquérito em que se pretende indicar por ordem decrescente os lugares segundo a atracção que exercem sobre cada indivíduo; no outro tipo de abordagem, uma das fórmulas mais utilizadas é o recurso a desenhos efectuados pelos indivíduos (fig. 3 e 4).

Creemos que a segunda hipótese é a que melhor se presta a exercícios num curso do ensino secundário, por um lado por tomar um aspecto lúdico imediato e por outro lado por ser mais fácil de analisar e criticar em conjunto com os próprios alunos. Poderemos assim conceber numa turma um exercício livre, em que numa folha de papel (de igual dimensão para todos) cada aluno desenha a sua cidade, o seu

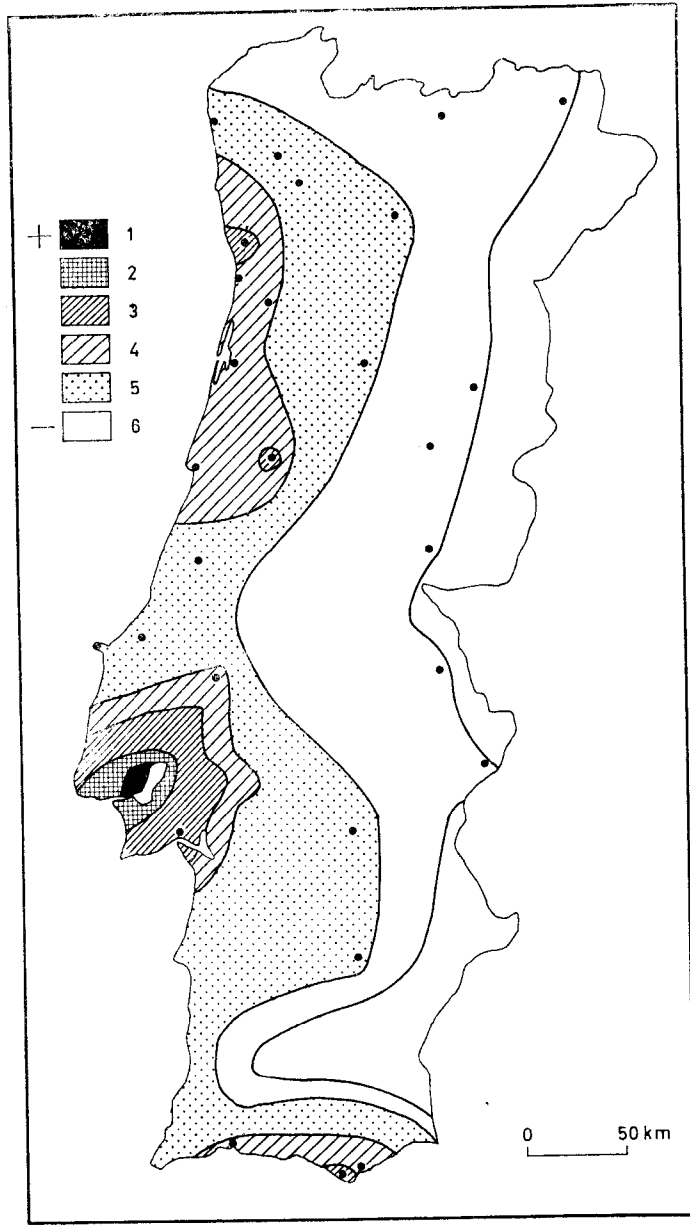


Fig. 1—Preferências residenciais de grupos de estudantes universitários de Lisboa. Notar que essas preferências diminuem do litoral para o interior e são mais intensas em Lisboa. Lida-se a seguinte ordem decrescente de preferência: 1 > 2 > 3 > 4 > 5 > 6.



Fig. 2—As ruas de Lisboa para um grupo de alunas do 3.º ano do Liceu Maria Amália.

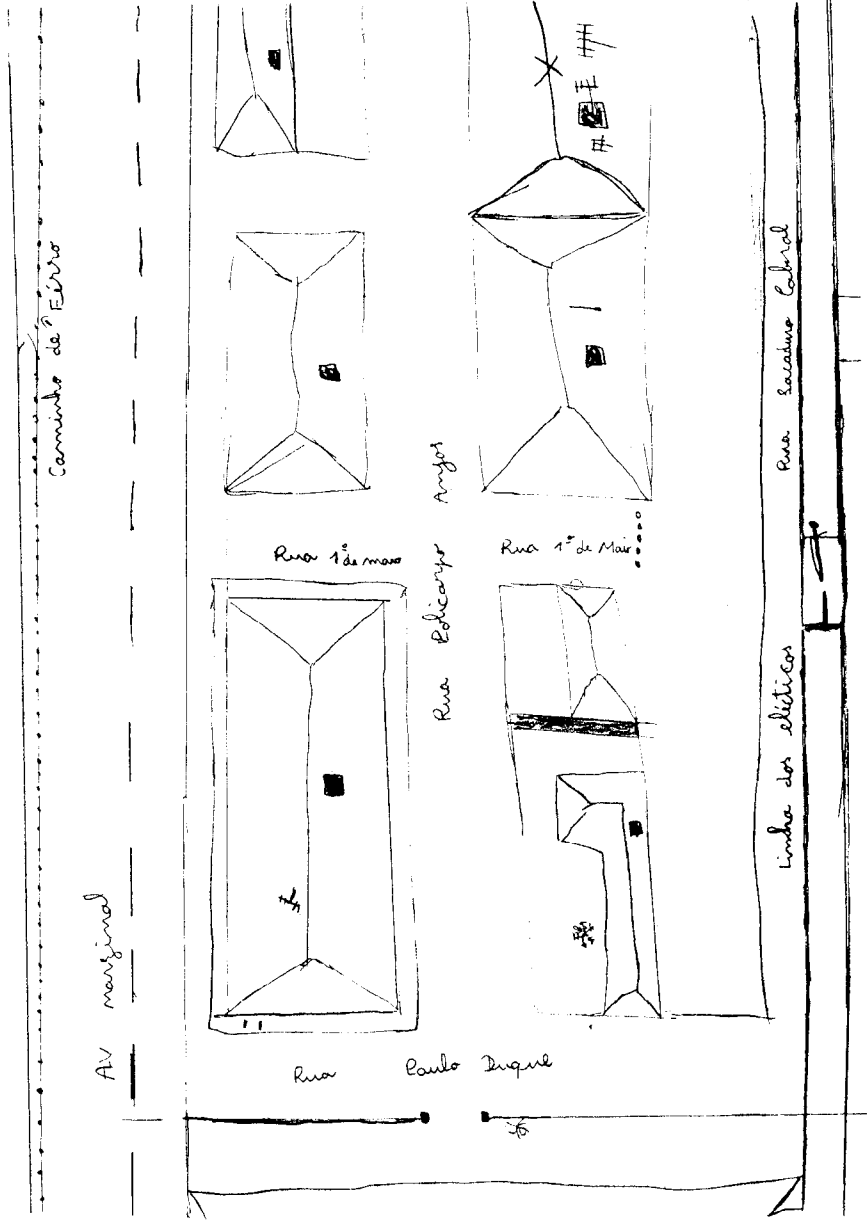


Fig. 3 — Algés vista por um aluno da Escola do Ciclo Preparatório deste centro. Notar que o aluno vive na Rua Polcarpo Anjos.

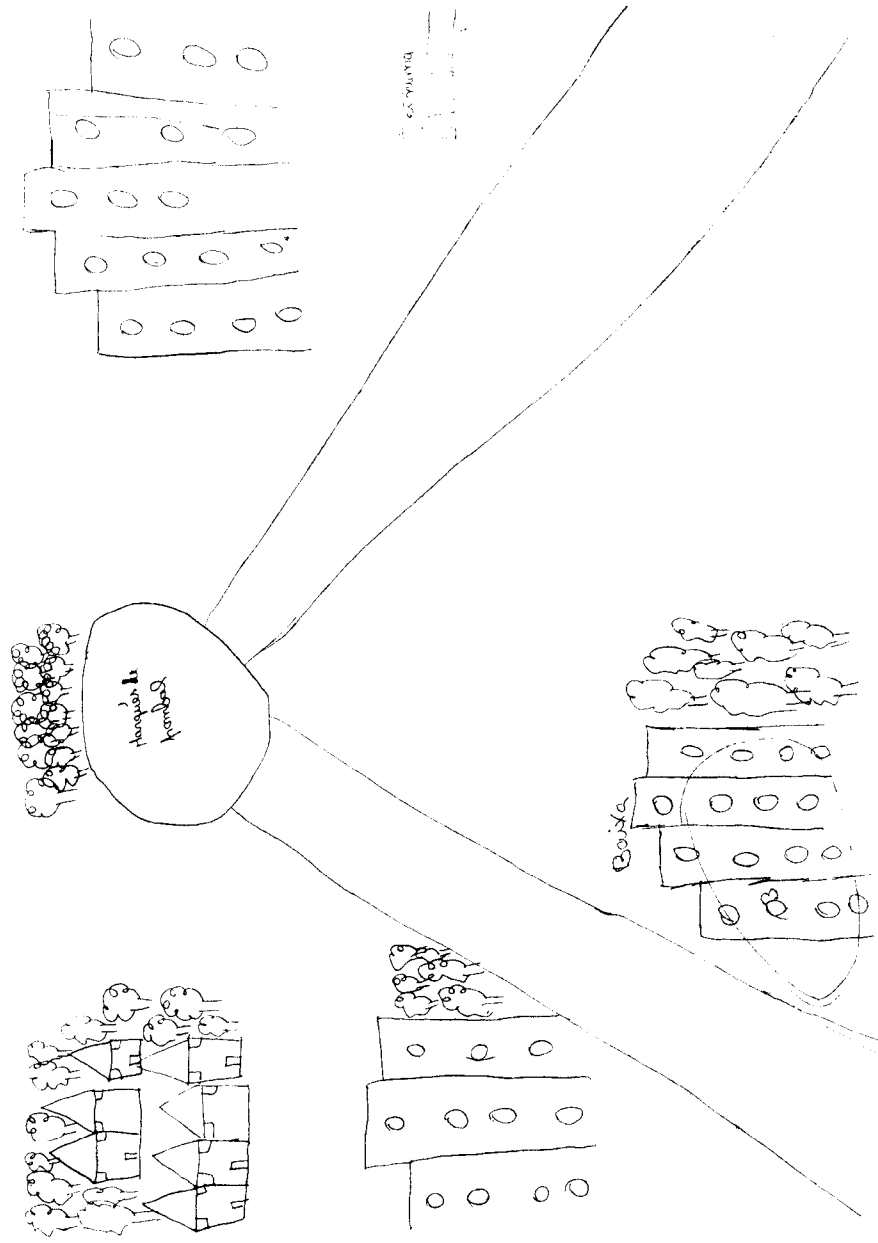


Fig. 4 — Lisboa vista por uma aluna da Escola do Ciclo Preparatório de Algés. Três pontos de referência: Marquês de Pombal, Baixa e Cinema.

bairro, uma cidade, o país, a Europa ou até mesmo a Terra, indicando com o nome as ruas, os largos, os bairros, as cidades ou os países (conscante o caso) que conhece.

A análise desses desenhos, além de permitir a correcção de percepções deformadas, constituirá também motivação para penetrar no estudo de certos temas de Geografia, como sejam a importância da proximidade e da acessibilidade na explicação dos fenómenos geográficos (os mapas mais precisos correspondem geralmente às áreas mais próximas), a diferenciação do território em termos da sua maior ou menor atracção (conhecem-se melhor as áreas mais atractivas, as praias, por exemplo, relativamente às charnecas) ou das suas principais características (uma montanha, no âmbito do país, uma rotunda ou praça monumental no caso de uma cidade). O estudo das imagens mentais que os alunos têm de um território permitirá ainda ao professor corrigir anomalias ou colmatar lacunas da informação geográfica dos alunos e tudo isto num ambiente atractivo, em que cada um se sente participar na construção da sua própria geografia.

* * *

Os autores desta nota encontram-se ao dispor de todos aqueles que pretendam levar por diante experiências deste tipo, não só para o fornecimento de informações complementares, mas também para a análise e síntese dos resultados obtidos.

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia neste domínio da pesquisa em Geografia é já hoje vastíssima. Indicam-se apenas algumas obras consideradas básicas e de mais fácil acesso.

Channels of Synthesis — perception and diffusion (1972). The Open University Press, Bletchley, Bucks.

DOWNNS, R. M. e STEA, D. (1973) — *Image and Environment*. E. Arnold, London.

GOULD, P. e WHITE, R. (1974) — *Mental Maps*. Penguin Books, London.

LYNCH, K. (1960) — *The Image of the City*. The M. I. T. Press, Cambridge, Mass. (Tradução francesa).

JORGE GASPAR E ANA MARIN